

VERTIGEM

«Espacio»

Ana Belchior Melícias¹

COMENTÁRIO À CONFERÊNCIA DE JORGE BRUCE

1

Psicanalista da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), da Federação Europeia de Psicanálise (FEP) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Analista da Criança e do Adolescente, atual Vice-Presidente da SPP, formadora do IP e de Observação de Bebés – Método Bick. Autora do blogue Cinema & Psicanálise (<https://cinemapsicanalise.pt>). Editora da Freud & Companhia (www.freudecompanhia.com).
E-mail: mail@anamelicias.com

2

Caetano Veloso, «Língua» (Vêlo, 1984)

3

Relativa à famosa frase de Lev Tolstói: «canta a tua aldeia e cantarás o mundo».

4

Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, 1928.

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une.

Edgar Morin

Da «Lusamerica latim em pó»², ou seja, de Cartagena (no Caribe, onde, junto com a América do Sul, o México e a América Central, 20 países e 10 territórios não independentes, se fala predominantemente espanhol e português, mas também francês, inglês, holandês, crioulo, quíchua, aimará, nuaatle, guarani, haitiano, papiamento e línguas tupis), pela mão de um peruano, chega-nos esta reflexão. Bruce «canta o mundo, cantando a sua aldeia»³, a cultura, a história e a psicanálise da América Latina, através de 31 escritores/artistas/filósofos, 13 psicanalistas, 4 descobridores, 4 ditadores e 3 analisandos.

Do intrigante título — «a destiempo» —, cuja tradução seria extemporâneo, fora de tempo, emerge o assíncrono, o anacrónico, o descompasso... Mas todo o texto me pareceu sintónico, contemporâneo e cadenciado, como se de um manifesto se tratasse, envolvendo-nos nas arritmias intrínsecas à diversidade, à estrangeiridade, tão difíceis e necessárias ao papel do psicanalista (Horenstein, 2020) e às instituições psicanalíticas, políticas, sociais e culturais.

É um manifesto contra o totalitarismo da mente, o colonialismo, o racismo, o classismo, o fanatismo e a gritante desigualdade, vividos entre a alucinação negativa e a negação.

Um manifesto para descolonizar as mentes à moda do manifesto antropofágico brasileiro, que celebrava o multiculturalismo e a miscigenação na construção identitária. Propõe uma psicanálise crioula, a criação em gesto espontâneo da autenticidade — «Tupi, or not tupi that is the question»⁴.

Evoluirá essa antropofagia descolonizadora (Rivera, 2020) do canibalismo/incorporação/demoníaca para uma possível introjeção, identificação e finalmente identidade, já que, como diz Unger, «as raízes de um ser humano deitam mais no futuro do que no passado»?

Bruce identifica movimentos da IPA, em respostas significativas perante a pandemia Covid-19, na afinação dos instrumentos psicanalíticos para chegar às populações vulneráveis e abandonadas e marginalizadas, indo além...

Aponta a necessidade de re-conhecimento para evitar a re-traumatização, impedindo que a identificação ao agressor se instale: Orixá de Nanã (só confia no negro), Exu (não confia justamente no negro), Marco (os pobres são maus) e nós, sofrendo com eles a insuportabilidade da ambivalência e da alteridade.

Levantam-se algumas questões:

Porque se considera que a «América Latina tem um atraso histórico em relação às antigas potências coloniais»? Atraso em relação a quê e a quem?

O que têm os latino-americanos de latinos (portugueses e espanhóis) ou de americanos? Freud era judeu numa Alemanha antisemita e foi esse lugar de fronteira que o libertou da academia para se aventurar na sua descoberta. Não viveremos todos «em Paris sem documentos, num desejo desesperado de pertença não sempre elegante»?

O Brasil, minha mátria, é índio, é português, é africano, é italiano, é alemão, é libanês, é judeu, é japonês. Todos «os brasileiros poderiam falar do Brasil como se fossem estrangeiros [...] e todos se tornaram simultaneamente colonizador e colono» (Calligaris, 1991, pp. 15–16).

Tudo o que nos separa, como diz Bruce a propósito do seu analisando, mas também da colonização mental na América Latina, é justamente o que permite recuperar o Bem, nas *Flores do Mal* de Baudelaire: «entremos no desconhecido para encontrar o Novo!». É isso que cultivamos na formação psicanalítica e fazemos na «vida-a-vida», como diz Clarice Lispector.

Entre o crioulo e o português, «o objetivo não é criar uma língua híbrida, mas usar as duas, colocá-las numa relação quase erótica em que uma traz aquilo que a outra não tem, uma diz o que a outra ainda não consegue dizer» (Almeida, 2018, p. 9). Poderíamos pensar na psicanálise latino-americana dizendo o que a europeia não tem ou não consegue e vice-versa?

Mais do que o enrijecimento calcado na falta como definidora do funcionamento mental, passaríamos à plasticidade dos processos e à necessidade de articular. Passaríamos à teorização da fronteira (Melícias, 2019), como incubadora da intersubjetividade.

Cabe-nos recuperar o espírito aventureiro freudiano (anacrônico) e a plasticidade e criatividade («novo») tal como o cinema e a psicanálise originariamente irmanadas no seu potencial de resistência.

Poderia este *Des-tiempo* (descompasso) criar, pelo avesso, um *Des-espacio* (o «novo», o negativo) através de um *Despacio* (devagar, lentamente)? Um ritmo, vital ao processo de transformação, remetendo para a inseparável dimensão/tensão espaciotemporal?

Bruce diz não ter a chave, mas aponta o nó górdio: a inquietude, a incerteza e manter aberta a possibilidade de diálogo. Ao fazê-lo, criam-se novos territórios/fronteiras que, ao invés de se dogmatizarem em muros, permanecem lugares de passagem.

O potencial da condição fronteira da América Latina, da própria psicanálise e do funcionamento humano, poderia ser então figurado por três vias:

Não seremos todos Calibãs? O estranho que nos habita na luta pulsional entre o princípio de prazer e o de realidade. O «selvagem», sem integrar a pulsão de morte, agida nas guerras, nas crises, na recusa à diferença, ao outro escravizado em nós e por nós. Caberia à psicanálise, aquém e além fronteiras, a luta contra a escravização (intra, inter e transubjetiva) insistindo no sonho de miscigenação-alteridade?

Não constituiria a psicanálise um Futuro Ancestral? Título do último livro de Krenak⁵ que abre com uma poética imagem: os meninos remando numa canoa dentro dos rios (o seu território), dizendo: «nossos pais dizem que já estamos chegando perto de como era antigamente». Aproximar-se-ia o futuro da psicanálise da ancestral utopia de Freud (1918/1969) — uma psicanálise engajada e alargada aos desfavorecidos e traumatizados pela catástrofe da Guerra — questionando-se se seríamos «obrigados a fundir o puro ouro da análise com o cobre da sugestão direta»?

Não encarnaria a América Latina o «Ocidente, futuro do passado» (Pessoa, 1934)? A comissão organizadora do Congresso Corpo (FEPAL, 2016), curiosamente também em Cartagena, convidou colegas de Portugal e Espanha, numa interessante abertura ao diálogo e articulação. Incluiu no seu *website* o ‘corpo’ cultural e histórico de cada Sociedade, as cartografias psicanalíticas da América Latina ao lado das sociedades «colonizadoras» E cito: «Transportados a um tempo-espaço primordial, a saturação europeia das armaduras é confrontada com a nudez corporal dos nativos. O conflito

estético deste encontro originário realça o paradigma dessa mútua e mutante descoberta: quando se dá o encontro com seres diversos, a nudez mais surpreendente é a cultural» (Melícias, 2016).

Finalizando, não será através do elo multicultural que se abre o «Novo»? Entre uma antropofagia/canibalização da psicanálise e uma metabolização-*rêverie*, Bruce traz-nos importantes instrumentos de reflexão.

Resta-nos, numa dança primordial para a frente e para trás, como diz Florentino Ariza, irmos descortinando «novas» alquimias e coreografias: no ritmo do tempo, do corpo, dos instrumentos, criando assim o espaço. «Até ao fim das nossas vidas!»

REFERÊNCIAS

- Almeida, G. (2018). *Não me peçam desculpa pelos meus antepassados, tratem-me a mim como gente*. Entrevista a Germano de Almeida por Joana Emídio Marques no jornal *Observador*, p. 01–16. Disponível em: <https://observador.pt/2018/07/01/germano-almeida-nao-me-pecam-desculpa-pelos-meus-antepassados-tratem-me-a-mim-como-gente/>. Acesso em 11/07/2018
- Calligaris, C. (1991). *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. Escuta.
- Freud, S. (1969). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 17, pp. 169–182). Imago. (Original publicado em 1918.)
- Horenstein, M. (2020). *Briújula y diván. La necesaria extranjería del psicoanálisis*. Viento de Fondo.
- Krenak, A. (2022). *Futuro Ancestral*. Companhia das Letras.
- Melícias, A. B. (2017). Pátria, mátria, frátria: construção da geografia emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(1), 61–74.
- Melícias, A. B. & Fernandes, C. (2016). *Cartografia Psicanalítica da SPP*. <https://prezi.com/3hldmqtnf2r/cartografias-fepal/>
- Rivera, T. (2020). *Psicanálise antropofágica (identidade, gênero, arte)*. Artes e Ecos.
- Pessoa, F. (1934). O dos castelos. Em *Mensagem*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1264>
- Unger, R. M. (2001). Uma vida humana. *Folha de S. Paulo*, 11 de setembro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1109200107.htm>

5

Primeiro escritor indígena recém-eleito imortal da Academia Brasileira de Letras.